

A Magia das Palavras*

La Magia delle Parole

Maria Miquelina Barra Rocha *

RESUMO: Procuramos demonstrar, neste trabalho, que, apesar dos limites inerentes a qualquer sistema de signos, é possível burlar as regras impostas e dar vazão ao pensamento. Para tanto, foram escolhidos textos de linguagem de laboratório em dois contos de João Guimarães Rosa e exemplos de economia de linguagem na obra de Carlo Emilio Gadda, *Il Primo Libro delle Favole*.

Um dos meios de comunicação de que dispõe o ser humano é a língua, meio este que, como qualquer outro sistema de signos, é submetido a regras, a normas, a imposições inerentes à própria natureza de um código qualquer.

Se é bem verdade que o pensamento humano deve ser canalizado e materializado através deste conjunto de sons que formam unidades mínimas significativas, se tem de se submeter a padrões rígidos de organização destas em outras unidades maiores como são as frases, por sua vez, unidades do discurso, também é verdade que não se é totalmente escravo no interior deste mundo intricado de signos.

Na verdade, o sistema lingüístico nos oferece opções limitadas, mas não limitativas.

* Recebido para publicação em abril de 1988.

1. Professora de Língua Italiana na Faculdade de Letras da UFMG. Mestranda em Língua Portuguesa no Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG.

Somos acordes com Umberto Eco e acreditamos que se pode “blefar com a língua”.

Uma das modalidades deste blefe são, sem dúvida, as criações lexicais, quando se podem formar novas unidades de sentido usando as possibilidades que a língua oferece. Estas novas entidades lexicais são artesanais, e, não só ao escritor, mas também ao falante comum, é permitido entrar neste “jogo salutar e libertador” de brincar com as palavras. Consideramos, então, as regras e normas da língua, como imposições inerentes à própria natureza de um código qualquer, de um jogo qualquer.

A língua oferece, pois, matéria para que o homem dê corpo a seus pensamentos. Para exemplificar o que dissemos, isto é, para mostrarmos a nossa convicção em que a língua não obriga cegamente a dizer, mas, ao contrário, oferece aberturas para a expansão do pensamento humano, escolhemos alguns textos em que foram utilizadas criações lexicais da linguagem de laboratório como nos textos escolhidos de Guimarães Rosa e no de Carlo Emilio Gadda. Tomamos os contos “As Margens da Alegria” e “A Menina de Lá” das *Primeiras Estórias* e, aleatoriamente, alguns exemplos de economia de linguagem em *Il Primo Libro delle Favole*.

Os processos usados pelo autor no plano da criação lexical são, em parte, processos de formação vernácula, e em parte, como diria Mattoso Câmara, neologismos vocabulares “de associações de idéias ou de um impulso de harmonia imitativa”, que equivaleria às “Correspondências dos efeitos fônicos com as idéias expressas”.²

Com relação aos processos de formação vernácula o autor usou a prefixação para a criação de: “circuntristeza”, “arrecauda”, “englobo”; a sufixação em “redondoso”, “sonhosa”, “demoroso”, “penosa”, “cabecudota”, “refrescação”, “verduroso”, “agouraria”; a derivação regressiva (ou deverbal): para formar “acorçôo”; a aglutinação em “suasibilíssima”, “Tiantônia”, “funebrilhos” e a derivação imprópria em “um de-repente”.

Os neologismos vocabulares aparecem no enunciado: “Colérico, encacheado, andando, *gruziou* outro *gluglo*.”³

O peru grugrulejou, o peru “gruziou outro *gluglo*.” Ora, para maior riqueza vocabular Guimarães Rosa criou “gruziou” e “gluglo”

2. CÂMARA JÚNIOR, 1968. p. 254.

3. ROSA, João Guimarães, 1972. p. 4.

a partir da voz do peru: grugrulejar. Assim, “gruziou” e “gluglo” nasceram da bipartição de grugrulejar. A partir da sílaba “gru-” tivemos “gruziar”, que passou a ser radical do vocábulo novo. Entre o radical e a desinência de infinito -r, aparece a sílaba -zi-, composta dos fonemas /z/ e /i/, respectivamente consoante e vogal de ligação, ao lado da vogal temática -a-.

A voz onomatopéica do peru é “gluglu”. Foi a partir daí que nasceu a forma substantiva “gluglo”.

Temos a convicção de que toda forma onomatopéica é primitiva, pois trata-se de um “vocábulo que procura reproduzir determinado ruído”⁴ usando dos meios de que a língua dispõe. Tal é a situação de “gluglu” que, como palavra primitiva, deu origem ao verbo grugrulejar passando por transformações fonéticas e, agora, nos coloca diante de mais um neologismo: “gluglo”, também oriundo da mesma onomatopéia.

Recurso semelhante usou o autor para criar “grufo”: “Tinha o rocal, a arrecada, a escova, o grugrulhar *frupo*,”⁵ Trata-se de um vocábulo expressivo, uma espécie de continuação do grugrulhar do peru, pelo recurso da repetição silábica. Porém, esse grugrulhar era curto, pois o novo peru não possuía a beleza “esticada” do primeiro. Por isso, seu grugrulhar era grufo, isto é, curto, quase surdo, como o demonstra o fonema surdo /f/ logo após a primeira sílaba.

Examinemos, agora, os casos de neologismos formados pelo processo da prefixação.

I — PREFIXAÇÃO

Comungamos a idéia de Mattoso Câmara e concordamos, portanto, ser o prefixo, “a variante presa das formas dependentes chamadas preposições”⁶ criando para a palavra a que se adjunge, “uma nova significação externa” (—, idem), sendo, pois, filiado ao processo da composição.

4. CÂMARA JÚNIOR, 1968. p. 264.

5. ROSA, João Guimarães, 1972. p. 7.

6. CÂMARA JÚNIOR, 1968. p. 292.

- 1) circuntristeza — “mal podia com o que agora lhe mostravam, na *circuntristeza*: o um horizonte, homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho...”⁷

Com valor espacial, o prefixo latino *circum* exprime idéia de “movimento ou situação em torno”. Assim, encontramos na língua palavras como “circum-adjacente”, “circunavegar”, “circunscrever” e outras mais. O insólito aparece no uso do prefixo com um substantivo abstrato: “circuntristeza”. Assim quis o autor demonstrar a tristeza ao redor do menino.

- 2) arrecada — “Tinha o coral, a *arrecada*, a escova, o grugrulhar grufu,”⁸

Ao substantivo cauda foram antepostos dois prefixos: a- e re-. O prefixo re-, do latim, traz idéia de movimento para trás como em “regredir”. É curioso notar que tal prefixo aparece também como forma independente, oriundo do latim ‘retro’, “atrás”: “...encaminhou-se com ela para o salão de ré.” Portanto, a cauda do peru era uma recauda, ou seja, uma cauda que ficava bem na parte de trás da ave. Dizemos bem na parte de trás, porque uma cauda já fica na parte posterior dos animais que a possuem, mas o re- vem trazer um reforço a esta idéia inicial e comum. O prefixo a-, do latim ab-, vem completar esta noção de excesso, de intensidade.

- 3) englobo — “...mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o *englobo*, a beleza esticada do primeiro.”⁹

A língua nos oferece “englobar” (em- + globo + -ar), isto é, do latim o prefixo in- traz idéia de movimento para dentro, especificamente, temos a idéia de colocar, juntar em um globo. Assim era o peru, redondo como se estivesse contido dentro de uma esfera.

II — SUFIXAÇÃO

A sufixação é um dos processos da derivação. É chamado também de “derivação própria” (Ismael de Lima Coutinho, *Gramática Histórica*) e consiste na formação de um vocábulo novo, a

7. ROSA, João Gumarães, 1972. p. 6.

8. ROSA, João Gumarães, 1972. p. 7.

9. Idem. p. 7.

partir de outro já existente na língua dito primitivo, pelo acréscimo de um afixo na parte final do vocábulo, dito sufixo, dando origem a uma forma derivada.

Examinando os textos de Guimarães Rosa já nomeados anteriormente, encontramos os seguintes vocábulos derivados formados pela sufixação:

- 1) redondoso — "...e ele, completo, torneado, *redondoso*, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul — e — preto— o peru para sempre." ¹⁰
- 2) sonhosa — "Sustenta-se delas sua incessante alegria, sob espécie *sonhosa*, bebida em novos aumentos de amor." ¹¹
- 3) demoroso — "Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, *demoroso*." ¹²
- 4) penosa — "...mas faltava em sua *penosa elegância o encaicho*..." ¹³
- 5) verduroso — "...bela rã brejeira vinda do *verduroso*..." ¹⁴

O sufixo -oso, latim -osu, exprime abundância, grande quantidade e foi usado nos textos para formar adjetivos como é sólito na língua. O insólito aparece na escolha dos nomes a serem modificados: redondo, sonho, demora, pena, verdura.

De fato, o peru era "redondoso", isto é, cheio de formas arredondadas tanto no total de seu corpo quanto nas esferas que lhe estampavam as penas.

Maravilhado por nunca ter visto ave como tal, o menino, enlevado, vivia cheio de sonhos, donde o adjetivo "sonhosa" determinante do substantivo "alegria".

O instante da aparição do peru ficou eternizado na sua maneira de ser: era ligeiro, grande, majestoso. Era também "demoroso" no seu lento e pomposo desfilar.

Encontradição na língua é o adjetivo "penoso", isto é, que causa pena, dó, constrangimento, dor, dificuldade. Há, também, em gíria,

10. Idem. p. 4.

11. Idem. p. 5.

12. Idem. p. 5.

13. Idem. p. 7.

14. Idem. p. 22.

o substantivo para designar uma galinha magra usado com valor substantivo: “uma penosa”. Mas uma elegância “penosa”, isto é, elegância que provém das plumas do peru, é riqueza semântica do texto roseano.

No texto d’ “A menina de lá” a rã veio do verduroso, isto é, do brejo onde imperava a verdura, o verde.

6) cabeçudota — “E ela, menininha, por nome Maria, Ninhinha dita, nascera já muito para miúda, *cabeçudota*, e com olhos enormes.”¹⁵

O adjetivo “cabeçudota”, aparentemente formado por sufixos que se contradizem, pois -udo, latim -utu, exprime qualidade em abundância, e -oto, italiano -oto < ottu, serviria para formar nomes que encerram idéia de diminutivo, resolvem-se no texto ao imaginarmos uma criança miúda com uma cabeça maior do que lhe permitiria a sua total pequenez.

7) refrescação — “Ninhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a *refrescação*.”¹⁶

Encontramos a palavra “refrescamento” para designar ato ou efeito de refrescar (-se), mas o autor consegue dar roupagem nova à palavra, usando, ao invés do sufixo -mento, do latim -mentu, designativo de ação ou resultado da ação, como juramento, ferimento, e outros, o sufixo -ção, do latim -tione, que também denota ação ou resultado dela, ajuntando-se a radicais verbais para formar substantivo como “oração”, “fundição” e outros.

O meio usado por Guimarães Rosa para formar “refrescação” é, pois, legítimo dentro dos processos de formação de palavras na língua.

8) agouraria — “O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes ... A *agouraria!*”¹⁷

O latim nos ofereceu o verbo “augurare” que o português modificou em “agourar”, isto é, adivinhar, prever, pressentir, prognosticar. Acrescentando ao radical primário o sufixo -ent- mais a vogal temática -o, o português incorporou ao seu léxico mais um

15. Idem. p. 20.

16. Idem. p. 23.

17. Idem. p. 24.

verbo, agourentar, que traz carga negativa, isto é, agourentar é fazer mau agouro sobre, ameaçar com desditas, predizer desgraças a. E também com esta conotação nefativa que surgiu “agourento” e, oralmente, o próprio verbo agourar e o substantivo agouro são usados e sentidos como predição de desgraças.

A partir do radical agour-, também Guimarães Rosa usou a carga negativa que este traz, e formou um substantivo inusado na língua: “agouraria” que, a meu ver, vem a ser o mesmo que agouro ou predição de desgraças.

III — DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Consiste a derivação regressiva na “dedução de uma forma primitiva com base numa outra que se julga derivada”.¹⁸ (Ismael de Lima Coutinho, *Gramática Histórica*).

1) acorção — “menino fremia no *acorção*, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair.”¹⁹

Acorçoar, que quer dizer animar, estimular, encorajar, induzir, instigar, é verbo que provém de “acoroçoar” que, por sua vez, é variante de “acoraçoar”, (de a- + coração + -ar) tendo sofrido o processo da assimilação.

A partir do verbo acorçoar formou-se por derivação regressiva, também dita deverbal, o substantivo acorção, isto é, ânimo, coragem, alento.

IV — AGLUTINAÇÃO

A aglutinação é o processo de formação de palavras em que duas formas se unem e, perdendo sua delimitação vocabular, tanto gráfica quanto fônica, passam a constituir um único vocábulo.

Este o caso de:

1) Suasibilíssima — “Ninhinha murmurava só: — “Deixa... Deixa...
“-*suasibilíssima*, inábil como uma flor.”²⁰

18. COUTINHO, Ismael de Lima, 1971. p. 174.

19. ROSA, João Guimarães, 1972. p. 3.

20. Idem. p. 21.

Ninhinha era uma “menina de lá”, uma profetiza, uma sibila, do grego sibylla, pelo latim sibylla. E era suave, suavíssima, “inábil como uma flor”. Da aglutinação de suave mais sibila mais — íssima surgiu a forma “suasibilíssima”, em que houve a perda da segunda sílaba de suave, sílaba átona. A nova palavra ficou submissa ao acento da sílaba — lí —, a primeira em tonicidade no novo composto.

2) Tiantônia — “Aí, *Tiantônia* tomou coragem, carecia de contar.”²¹

Pelo fenômeno da crase, em que duas vogais iguais se juntaram numa só, formou-se “Tiantônia”, vocábulo formado a partir de Tia Antônia, em que o *a* final do vocábulo Tia e o *a* inicial de Antônia se juntaram. O vocábulo novo ficou submetido a um corpo único, tanto gráfico quanto fonético.

3) funebrilhos — “. . . pois havia de ser bem assim, do jeito, cor-de-rosa com verdes *funebrilhos*, . . .”²²

O caixãozinho de Ninhinha teria características fúnebres como qualquer outro. Seriam fúnebres os brilhos verdes. Nesse novo construto a aglutinação deu-se na última sílaba átona de fúnebre pela superposição da tônica de “brilhos”.

V — DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

A Derivação imprópria consiste em mudar a classe gramatical das palavras. Assim, nomes comuns passam a ser próprios (Leão, Coelho), adjetivos passam a substantivos (valenciana, dízima), substantivos passam a adjetivos (homem, burro, amigo-onça), etc.

No texto em questão, nota-se a derivação imprópria na substantivação do advérbio “de-repente” pela anteposição do artigo indefinido: “um de-repente”.

Examinando os dois textos de Guimarães Rosa pudemos elencar um total de dezesseis neologismos. O processo mais fecundo de que se usou o autor foi o processo da sufixação, sendo que o sufixo -oso que designa abundância deu origem a cinco delas. As restantes

21. Idem. p. 23.

22. Idem. p. 24.

sofreram os processos da prefixação, da aglutinação, da derivação imprópria e da derivação regressiva.

Portanto, somos acordes com Charles Bally, e achamos também que “los grandes creadores da lengua rompem conscientemente la norma y sobre todo, utilizan y realizan en el grado más alto las posibilidades del sistema: no es una paradoja, ni una frase hecha, decir que un gran poeta ha utilizado todas las posibilidades que le ofrecia la lengua.” Bally, Charles — *El Lenguage y la Vida*. Buenos Ayres, Editorial Losada — 1967 in Eleazaro, Clara Grimaldi, *Português contemporâneo: O Caráter econômico da Linguagem Oral e Escrita*.

* * *

Um outro fenômeno interessante de formação de palavras aparece como fruto da dinâmica, não só lingüística, mas também vivencial.

Observa-se na linguagem usada nos grandes centros, por exemplo, acentuada tendência em economizar estruturas mórficas e sintáticas para tornar a comunicação mais ágil e rápida.

São exemplos típicos desta economia de linguagem as siglas. Há pouco tempo tivemos no Brasil o Movimento Brasileiro para Alfabetização de adultos, ou seja, o MOBREAL. Não tardou muito para que a sigla originária MOBREAL passasse a funcionar como verdadeiro adjetivo pejorativo, aplicado a pessoas de baixo nível intelectual, fenômeno em que o significado passou a ser tomado pelo significante.

Este fenômeno de dinâmica lingüística, também denominado de dinâmica condensada, é verificável e comprovável também em outras línguas. É o que acontece com “Ça Va” francês, usado em lugar de construções mais longas como “Ça va bien”, ou “Ça va très bien, merci”. É verificável ainda na voz “Prego” do italiano, também usado para substituir construções sintáticas mais longas por grupos humanos que não têm tempo a perder repetindo construções que já estão implícitas ou na pergunta, ou na própria situação contextual. Diante de uma pergunta: “— I bambini non sono venuti a scuola perché erano ammalati?”. A resposta habitual dentro dos padrões lingüísticos seria — “— Sì, non ci sono venuti perché erano ammalati.”, mas, economicamente, poderíamos admitir como res-

posta somente: “— Già.” O advérbio “già” traz toda a carga da resposta afirmativa que substitui a longa construção da pergunta.

Temos alguns exemplos no plano sintático, mas o mesmo se verifica no plano mórfico.

Não raro encontram-se verbos sem a última vogal da última sílaba como “amar” por “amare”, “prender” por “prendere”; formas flexionadas também carentes do último fonema: “vuol” por “vuole” e outros.

Convém observar que este fato ocorre tanto na língua falada quanto na escrita, à medida que interessa ao autor ser rápido e desenvolver um estilo ligeiro.

Colhemos alguns exemplos de economia de linguagem em Carlo Emilio Gadda no seu livro *Il Primo Libro delle Favole*, da editora Garzanti, 1976.

Não nos preocupamos em selecionar exemplos de tais ou tais fábulas, mas selecionamo-los aleatoriamente.

Exemplo comum é a aférese no artigo “il”. Assim temos: “e ‘l remetto”²³ (pág. 77) em que aproveita-se do fonema da preposição “e” para a substituição do “i” do artigo. Assim, o que seria [e il] passa a ser [el] num exemplo típico de dinâmica condensada.

O mesmo aconteceu em “e ‘l nicchio”²⁴ (pág. 90), “schernire ‘l gufo” (pág. 44), “‘n vita e ‘n morte di lei”²⁵ (pág. 47).

A apócope também é comum na linguagem de Gadda. Vejam-se os exemplos: “la su’ fronda”²⁶ (pág. 76) por “la sua fronda”, “Il lupo si fece innanzi al padron di casa”²⁷ (pág. 67) em que aparece “padron” por “padrone”.

Os numerais são usados tais e quais na matemática: em algarismos: di carta di filo de bambù 220x75”²⁸ (pág. 62), “di misura di millimetri 376x526”²⁹ (pág. 96), ou sofrem apócope como em “la

23. GADDA, Carlo Emilio. 1976. p. 77.

24. Idem. p. 90.

25. Idem. p. 47.

26. Idem. p. 76.

27. Idem. p. 67.

28. Idem. p. 62.

29. Idem. p. 96.

volle cenquarantatrè milioni”³⁰ (pág. 51), onde há que se notar a apócope da última sílaba de “cento” no numeral composto.

A apócope do artigo “i”, marca de masculino plural é feita em preposições articuladas: “li primi piani de’ palagi”³¹ (pág. 88), “prencipe de ‘suo’ seguaci”³² (pág. 88).

Como tivemos ocasião de observar no “corpus” em questão, o sistema de formação de palavras nas línguas românicas é fecundo e possibilita ao sujeito falante, se não a total e irrefreada livre-escolha, a abertura sistemática, organizada, metódica, inerente a qualquer sistema de signos.

Acreditamos, então, que todas as imposições das regras e normas do sistema lingüístico, ao contrário de serem limitativas, castrativas, fascistas mesmo, são, muito ao contrário, libertadoras, pois o sistema é a matéria sobre a qual, com a qual, na qual tanto o artista quanto o falante comum canalizam o pensamento. Como bem disse Umberto Eco “pode-se blefar com a língua. Esse jogo desonesto, salutar e libertador chama-se literatura. (...) ... a literatura é a liberação do poder da língua.” (Umberto Eco. 1984)

RIASSUNTO: Abbiamo fatto una ricerca nei testi “As Margens da Alegria” e “A Menina de Lá”, due racconti di João Guimarães Rosa, e nel libro di Carlo Emilio Gdda, *Il Primo Libro delle Favole*, per dimostrare che, nonostante i limiti naturali di qualsiasi sistema di segni è possibile burlare le norme imposte e lasciare il pensiero andare alla sciolta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1977.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1968.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1971.

30. Idem. p. 51.

31. Idem. p. 88.

32. Idem. p. 88.

- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro, Presença, 1981.
- GADDA, Carlo Emilio. *Il primo libro delle favole*. Venezia, Neri Pozza, 1976.
- GALERY, Iyana Versiani. *Os prefixos intensivos em grande sertão: veredas*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 1969. (Tese, Doutorado).
- GUIMARÃES ROSA, João. *Primeiras estórias*. 6. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.